

O cotidiano de estudantes de direito de São Paulo no “Romance de um Estudante” (1864)

Gabriel Vicente Françaⁱ 

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

1

Resumo

O artigo apresenta os resultados parciais de uma pesquisa em história da educação sobre o cotidiano de estudantes de direito em São Paulo na década de 1860, a partir da leitura do texto ficcional anônimo “Romance de um estudante”, publicado no periódico “Diabo Coxo”, em 1864. Esta publicação, a primeira ilustrada a circular na cidade de São Paulo, era feita pelo cartunista Angelo Agostini, pelo estudante Sizenando Nabuco e pelo abolicionista Luiz Gama. Desta forma, discutem-se aspectos constituintes da identidade estudantil de então, como o distanciamento entre lar familiar e lar escolar, a juventude como um período de exílio e a expressão por meio da literatura e do periodismo.

Palavras-chave: História da educação superior. História dos jovens. Cotidiano de estudantes. Literatura e História da educação.

Law students’ everyday life in “Romance de um Estudante”, São Paulo (1864)

Abstract

This paper shows the partial results of a research in history of education about the São Paulo’s law students’ everyday life during 1860s decade. Its analysis was based on a fictional and anonymous work entitled “Romance de um Estudante” that was published in 1864 in a paper called “Diabo Coxo”. This newspaper, the first illustrated publication to be printed in São Paulo, was made by Angelo Agostini, a cartoonist, by student Sizenando Nabuco and the antislavery activist Luiz Gama. The paper argues about the identity aspects of that day’s youth, such as the distance between family and student home, youth as an exile period and the expression through writing, as in literature and in journalism.

Keywords: History of superior education. History of the youth. Students’ everyday life. Literature and History of education.

1 Introdução

Criados por decreto em 11 de agosto de 1827, os Cursos Jurídicos e Sociais alteraram a paisagem formativa da elite brasileira. Parcela significativa dos jovens de



famílias abastadas e próximas da nobreza deixaram de seguir sua escolarização em Portugal e passaram a vivenciar seus anos de curso superior nas cidades de Olinda e de São Paulo, onde essa nova modalidade de ensino se implementaria. E, no transcorrer do estabelecimento e da consolidação desses cursos, os alunos das Faculdades de Direito, como os Cursos ficaram conhecidos, empreenderam profunda atividade literária, jornalística, cultural e política (CUNHA, 1986; MARTINS e BARBUY, 1998; ADORNO, 2019)

Este artigo, que trata da produção dos estudantes de direito de São Paulo em meados da década de 1860, destaca particularmente um aspecto da atividade estudantil do período: o periodismo, que era parte substancial do ambiente cultural e formativo que organizava a pequena e fria cidade de São Paulo no período. São pelo menos 102 periódicos conhecidos que contaram com a participação ou foram iniciativa de estudantes de direito, entre o ano de fundação da Faculdade e a Proclamação da República (AMARAL, 1977); é possível que esse número seja ainda maior, pois nem todos os materiais produzidos resistiram ao tempo. O que sobreviveu à passagem dos anos, ainda que esteja fragmentado e frequentemente deteriorado, constitui enorme arcabouço para compreender e melhor explorar a história da educação superior e dos jovens no século XIX.

Assim, toma-se por fonte um texto ficcional publicado em um desses periódicos produzidos com a participação de estudantes de direito de São Paulo. O periódico, intitulado *Diabo Coxo*, circulou entre 1864 e 1865, e foi obra de 3 nomes distintos que habitavam a capital da província de São Paulo. Eram eles o litógrafo e desenhista italiano Angelo Agostini, o abolicionista Luiz Gonzaga Pinto da Gama e o estudante de direito, escritor e dramaturgo Sizenando Barreto Nabuco de Araújo.

Selecionou-se, dentre a produção de *Diabo Coxo*, um texto intitulado “Romance de um estudante”, que foi publicado ao longo das 5 primeiras edições do periódico, no ano de 1864. Texto anônimo, tendo sido provavelmente escrito por Sizenando Nabuco e/ou por Luiz Gama, retrata os primeiros meses de um jovem na cidade de São Paulo, do momento de sua chegada à capital paulista, em que tudo lhe parece estranho e





assustador, até sua adaptação ao *modus operandi* da vida de um aluno da Faculdade de Direito.

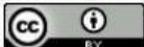
A partir da leitura deste texto ficcional, o artigo pretende abordar as representações de jovens nele elaboradas. Para tanto, é necessário compreender aspectos estruturantes do que significava ser estudante de direito em São Paulo no período. Para isso, faremos uma breve apresentação sobre a Faculdade nos anos 1960 do século XIX.

3

2 A Faculdade de Direito

Com população não superior a 30 mil habitantes (CAMPOS, 2004), a cidade de São Paulo tinha seu cotidiano marcado pela vivência dos jovens que se dirigiam à cidade para estudar direito. A Faculdade, localizada na região central da capital da província, recebia alunos oriundos das mais diversas partes do país, e se convertia, ano após ano, em centro de congregação de parte da elite jovem durante o Império. Seus alunos se articulavam em associações, em agrupamentos literários, mantinham militância política e, como não poderia deixar de ser, escreviam. Eram poetas, dramaturgos, críticos literários e ficcionistas, frequentemente exercendo mais de uma dessas funções ao mesmo tempo. A invenção de seus cotidianos (CERTEAU, 1985; 2014) é matéria privilegiada para a investigação em história da educação.

Durante o ano letivo, a cidade era inundada por esses jovens rapazes em busca do futuro na carreira jurídica, fosse como advogados, fosse como juízes ou em outros postos disponibilizados pelo Estado brasileiro em formação. Quando retornavam a suas cidades de origem, a monotonia e a tranquilidade voltavam às ruas de terra e às casas de taipa de pilão. Mas, inegavelmente, a relação estabelecida entre os estudantes, os futuros bacharéis e a cidade produziu marcas profundas que foram gravadas nos instrumentos de memória da cidade, seja a partir de nomes de ruas, seja com estátuas ou como conhecimento disseminado pelas escolas e pelos livros didáticos.





A Faculdade admitia alunos a partir dos 15 anos de idade, desde que aprovados nos exames admissionais. E não eram somente os estudantes do curso de direito que se dirigiam a São Paulo para estudar. Aqueles que pretendiam aprovação nos exames de ingresso buscavam se qualificar nos cursos preparatórios, que os acolhiam. Essas instituições de ensino também compunham o cenário estudantil do período — seus alunos eram conhecidos como “bichos” que frequentavam o “curral” (CUNHA, 1986).

Afastados de suas famílias de origem, os estudantes estabeleciam laços sociais por meio das associações, das turmas do curso, das moradias — com a chegada dos estudantes veio também o tipo habitacional conhecido como “república” —, e da prática do periodismo que, muitas vezes, era a congregação de todos esses elementos em um produto impresso: os jornais podiam ser órgãos das associações, ter sido fundados por alunos da mesma turma de curso, ser escritos por moradores da mesma república e assim sucessivamente.

Escrever e ler os jornais publicados na cidade era hábito dos estudantes. Havia os jornais da “grande imprensa”, notadamente os periódicos “Correio Paulistano” e o “Diário de S. Paulo”, que eram acompanhados por uma miríade de publicações de pequeno porte e existência efêmera, mas que representavam o esforço dos jovens estudantes na arena da palavra escrita. Trata-se da chamada Imprensa Acadêmica — e aqui o “acadêmica” refere-se ao fato de a Faculdade de Direito ser conhecida como a Academia.

Os textos escritos e publicados por estudantes condensavam em seu interior um conjunto grande de vozes e de elementos de diferentes origens culturais. A presença dessa polifonia é indício da circulação discursiva que se dava no período (BAKHTIN, 2010), sendo possível, através da identificação dos fios ideológicos (VOLÓCHINOV, 2017) que compõem esses discursos matizar aspectos da história da educação e dos jovens.

A investigação em periódicos é um elemento importante para desvelar aspectos ainda desconhecidos da história da educação, como Moacyr Flores (2021) faz com relação ao ensino da língua portuguesa no século XIX; por sua vez, a utilização de textos produzidos por estudantes de ensino superior é relativamente nova no país, tendo o





trabalho de Dislane Zerbinatti Moraes (2015) apresentado alguns caminhos possíveis. Desta forma, a produção que aqui se analisa possui características que a qualificam para o trabalho em questão: é elemento típico do ambiente acadêmico de São Paulo no período, embora não seja uma publicação integralmente elaborada por estudantes, condensa diversas formas de discurso e é matizada por inúmeros fios ideológicos ao longo de sua extensão. De seu corpo editorial, somente Sizenando Nabuco era aluno do curso. Mas não restam dúvidas de sua circulação se deu em meio ao ambiente estudantil de então. Ler e escrever jornais, pode-se afirmar, fazia parte dos modos de fazer dos estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo

Cumprir dizer, também, que a história da cidade e da Faculdade de Direito de São Paulo é objeto constante de disputa no presente (GLEZER, 2007; ABUD, 1998), fazendo com que a importância desses estudantes na construção de um projeto de nação que se estabelecia então seja alvo de divergências historiográficas importantes. A própria toponímia da cidade é impactada pela disputa ideológica que se processa no tempo presente, em movimentos de apagamento e invisibilização (SEVCENKO, 2004), sendo que nomes e referências a povos originários, a pessoas escravizadas ou a etnias africanas são permanentemente substituídos por outros, muitas vezes dos próprios estudantes de direito que passaram pela cidade no século XIX.

3 O Diabo Coxo e o “romance de um estudante”

O Diabo Coxo foi uma publicação semanal, que saía apenas aos domingos. Metade das 8 páginas era dedicada às ilustrações e o restante era composto por textos. O jornal era impresso na Tipografia e Litografia Alemã, de propriedade de Henrique Schröder, no formato de 18x26cm. Veio à luz em 02 de outubro de 1864 e sua produção totalizou 24 números, distribuídos igualmente em duas séries. Apenas uma coleção completa resistiu ao tempo, tendo sido adquirida pela Biblioteca Municipal Mario de Andrade, da capital paulista, a partir da qual se produziu uma versão fac-similar, em empreendimento conjunto da Editora da Universidade de São Paulo e da Academia





Paulista de História. É essa edição que se utilizou por base para a escrita deste artigo (CAGNIN, 2005).

Tanto os textos quanto as ilustrações do Diabo Coxo eram impregnados de ironia e de sátira à situação política e ao cotidiano da cidade. Sua temática dialogava com os assuntos reinantes na cidade (como a inauguração de um novo teatro e a programação teatral, ou o dia-a-dia da Faculdade de Direito), como no país (com os posicionamentos críticos quanto à Guerra do Paraguai, por exemplo). Desta forma, circulava com facilidade entre os habitantes letrados da cidade de São Paulo, tendo sido bem recepcionado pela imprensa tradicional da cidade.

Antonio Luiz Cagnin aponta que, “além desses jornais semanários e diários”, e ele se refere à grande imprensa da cidade, “proliferavam os pasquins candentes dos estudantes, em desaforada verborragia libertária, temperada com sátiras mordazes e humor corrosivo, ao lado dos folhetins de jovens poetas sonhadores, com seus açucarados versos românticos” (CAGNI, 2005, p. 11).

É neste cenário que o Diabo Coxo aparece. E poemas e textos ficcionais faziam parte de suas páginas, com as mesmas características que apareciam nas ilustrações. O “Romance de um Estudante” é o primeiro a tomar assento, logo à página 3 do número inicial. Sua escrita se estende por mais quatro exemplares, uma prática comum aos periódicos de então, e finda no número 5 do Diabo Coxo.

O texto é narrado por um dos personagens, de quem não se sabe o nome, mas que admite ser chamado por Diabo. Não há indicação de autoria e a escrita não apresenta uniformidade e é importante ressaltar que o texto apresenta problemas da ordem da coesão e variações linguísticas ao longo dos números em que foi publicado. Essa característica não interfere negativamente na análise, mas ressalta o caráter experimental da obra que se procurava escrever. Essa falta de uniformidade pode ocorrer também em função da reação do público ao texto, bem como pode indicar que a escrita se deu a múltiplas mãos.

Como a redação do periódico estava a cargo de Luiz Gama e de Sizenando Nabuco, infere-se que o “Romance de um Estudante” tenha sido escrito por um dos dois





ou pelos dois autores conjuntamente, o que também contribuiria para a variação na forma do texto que se percebe com sua leitura.

Seu enredo conta a história de um jovem que se dirige à cidade de São Paulo para cursar a Faculdade de Direito, bem como sua trajetória na formação de estudante. Desta forma, são apresentados aspectos de sua vida escolar, boêmia e amorosa.

7

4 Análise dos dados

Como já citado, é utilizada a edição fac-similar de Diabo Coxo editada pela Editora da Universidade de São Paulo em 2005. Desta forma, as citações aqui apresentadas referem-se à numeração original do periódico, e vêm indicadas de acordo com o número em que aparecem. Também foi mantida a grafia original do texto, que está de acordo com as regras ortográficas do século XIX.

Abaixo do título do texto vem logo sua epígrafe, que é uma citação do Livro de Ramayana, em que se lê: “meus corvos esvoaçae! A carnificina é grande e o banquete será lauto!” (DIABO COXO, n. 1, p. 3).

O Ramayana é um poema épico da Índia antiga, que também tem o caráter de funcionar como livro religioso para os hindus. Conta a história de do príncipe Rama de Aiódia, e seu título pode ser traduzido por “A viagem de Rama.” Parte da história de Rama se passa em um exílio de 14 anos em uma floresta terrível de nome Dandaka, afastado de sua família.

Por se tratar do primeiro trecho a ser lido no texto, infere-se, a partir dessas informações, que sua intenção era projetar sobre o estudante do “Romance” a condição de exilado, tal qual Rama, e que teria contato tanto com o banquete quanto com a carnificina. Logo na primeira caracterização que se faz do estudante, que mais adiante saberemos se chamar Silvano, se destaca a ideia de exílio: “mísero mancebo que abandonaste as plagas bemdictas da Guanabara, cabeça tresloucada, doido argonauta que vens em busca do pomo de oiro da sciencia, deixando immersa em dores a tua infeliz familia” (DIABO COXO, n, 1, p. 3).





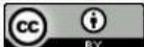
É a imagem de um jovem estudante que parte, deixando sua família de origem imersa em infelicidade, rumo ao exílio na capital da província de São Paulo. A imagem, caricata e satírica como a totalidade do Diabo Coxo, carrega nas tintas da dramaticidade, tanto para marcar a condição do estudante, como para dar relevo ao sentimento da família quanto a seu distanciamento.

Deste trecho citado, é também importante a referência ao “mancebo” como sendo um tripulante da Nau de Argo, um argonauta, portanto, em busca do Velo de Ouro, como se conta na mitologia grega. No caso de Silvano, o objeto feito de minério precioso de sua busca é o “pomo de ouro da ciência”, o que se obteria na cidade da Academia de Direito, alvo de sonhos e desejos do rapaz.

A partir de duas referências antigas, o Ramayana e os argonautas, o “Romance” enfatiza a ideia de viagem, de jornada, na trajetória do estudante Silvano. Para tanto, ele precisou abandonar sua família, seu “lar doméstico”, para empreender sua busca, para cumprir seus desígnios. A distância entre a família de origem e a vida adulta parece se desvelar por meio das agruras da vivência e do cotidiano escolares. Mais do que isso, o distanciamento é elemento estruturante do texto, não apenas mero objeto.

Assim que chega a São Paulo, após fazer a viagem que o afasta de sua família, o estudante se decepçiona com o que encontra na cidade. O seu interlocutor, que sabemos receber o apelido de Diabo, ao mesmo tempo o controla e repreende, mandando-o deixar as lágrimas para depois. E então afirma: “a vida aqui tem seus encantos! Teus lábios femininos não-de acostumar-se ao vinho, ao fumo, e ao trago da blasfêmia e da injúria” (DIABO COXO, n.1, p. 6). O banquete e a carnificina do Ramaiana se reencontram logo no primeiro momento de susto pelo qual o rapaz passa.

No processo de conversão de Silvano, de um mancebo da Guanabara em estudante, além da necessidade de seus “lábios femininos” se acostumarem ao que a cidade oferece, ele também terá a companhia da literatura: “Leste Rabelais, conheces Pantagruel? — pois bem são estes d’hoje em diante os amigos queridos de tuas noites...” (DIABO COXO, n. 1, p. 6). O resultado dessa vivência será um homem de saúde avariada, mas transformado em verdadeiro conquistador: “...não é verdade, meu cherubim, que uma





tossesinha secca, um olhar tresvariado, a voz um tanto surda e enfraquecida, uma mão transparente, são um poderoso philtro, digno de Lovelace ou D. Juan” (id. ibid.). Distante da família de origem, Silvano está exposto aos perigos da vida, e é dele a escolha de os vivenciar ou não.

9 Como forma de marcar a passagem da vida infantil à vida adulta, o narrador oferece ao futuro bacharel uma dose de bebida, que é prontamente rechaçada por Silvano, que não gosta do que bebe. O Diabo, então, responde: “Pobre criança. Não sabes o que é cognac? Em breve hasde sabe-lo e mais vezes chamarás por elle, do que os hebreus por maná!...” (DIABO COXO, n. 1, p. 6).

O Diabo, figura que conhece a cidade e as agruras pelas quais Silvano passará, está à disposição para ser seu guia. Por meio do consumo de bebida, introduz ao rapaz parte dos hábitos que farão parte de seu cotidiano escolar, que não se resumirá a livros, sabatinas e compêndios de direito. As diversões, as estudantadas e a embriaguez serão parte importante de seu processo de socialização. O fato de Silvano não gostar de conhaque faz com que o Diabo projete que, no futuro, essa situação mudará. Recém chegado, o rapaz ainda não passou por todos os ritos necessários para fazer parte daquele ambiente.

O primeiro rito é sua entrada na cidade de São Paulo. Do lado de fora, poderia apenas ser um observador. Agora, há a sobreposição entre seu cotidiano de estudante e o dia-a-dia na cidade. O narrador se distancia por 3 meses e começa a descrever a situação, deixando os feitos desse período visíveis. O Diabo, para alegrar seus leitores, invade a moradia do rapaz com o objetivo de revelar o que acontece por lá.

Segundo o texto, Silvano passou a morar “...n’uma casinha fora da cidade, toda cercada de brejos, de altos pinheraes” (Diabo Coxo, n. 2, p. 2). Infere-se que o “fora da cidade” indica uma morada distante do que seria considerado, atualmente, o Centro Velho de São Paulo. Importante dizer que, em meados do século XIX, a Capital da Província era composta por um pequeno núcleo urbanizado e um sem número de propriedades rurais, distribuídas ao redor desse espaço já inicialmente urbanizado.





Ao entrar na casa, o Diabo encontra Silvano dormindo e passa a escrutinar o ambiente: “...façamos um minucioso inventário: pontas de charuto, flores murchas, cachimbos, fragmentos de marmore, um chicote, duas esporas, um cavallo em bronze e uma photographia de mulher!” (Diabo Coxo, n. 2, p. 2). A seguir, anota que o estudante possuía “papeis de musica, uma espingarda de caça, um piano, um punhal, uma dissertação de direito romano (infeliz!) e uma caveira” (id. *ibid.*).

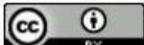
A visão dos objetos do cotidiano de Silvano indica uma vida musical, o vício no fumo, a prática de caça e um elemento propriamente escolar, uma dissertação. A forma que o Diabo descreve os objetos de Silvano carrega em si grande dose de ironia, além de contribuir para a imagem de um estudante que se afeiçoa e se entrega a maus hábitos e coloca sua saúde em risco.

A descrição, embora longa, é pertinente por se tratar de um dos pouquíssimos retratos do que seria uma república estudantil no século XIX. Presente em um texto ficcional que dialoga ativamente com as expectativas de seu público leitor — o que, no caso, significa dialogar exatamente com estudantes que moravam em repúblicas estudantis —, é um recurso útil para adentrar no cotidiano daqueles jovens rapazes que se embrenhavam pelo mundo do direito. Também dá notícia de um elemento central da relação de Silvano com a cidade: a necessidade de um animal como meio de transporte.

E na descrição feita pelo Diabo, claro!, não falta ao estudante o mais intenso dos maus hábitos: a poesia.

“Versos! Santo Deus! Estamos perdidos!” (Diabo Coxo, n. 2, p. 2), exclama o Diabo antes de tomar os papeis dispersos deixados por Silvano na mão. Ele os lê, interessado em saber mais sobre a vida do rapaz. “Forão-se as illusões”, diz o verso lido pelo Diabo, que comenta: “Tão cedo?! Está perdido? Cahio na eschola sentimentalista, é moda, passemos adiante” (id. *ibid.*).

Um narrador arguto e que comenta animadamente a vida de Silvano, o Diabo faz também um pouco de crítica literária. A ideia de que a “escola sentimentalista” faz parte de um momento passageiro (“é moda”) denota que o debate entre os estudantes a respeito da poesia e da literatura transitava por diversos caminhos. Não se tratava apenas de





escrever e de ler, mas também de se posicionar criticamente quanto à produção literária que circulava pela cidade.

Para alegria do narrador, e também de seus leitores, são encontradas páginas escritas de prosa. Nelas, Silvano tece comentários sobre sua solidão (“Estou só: a cidade ei-la distante; é noite, como tremeção os lampeões em frente do convento!”), sobre a paisagem circundante da casa e também sobre seu curso: “Sciencias positivas, sociaes, estudos litterarios! Louco! Querer separar todas essas cousas! Todas ellas fazem um corpo, e deste salta uma unica acentelha? a verdade” (Diabo Coxo, n. 2, p. 2-3).

Silvano, por meio de seus escritos lidos pelo Diabo, refere-se diretamente à organização dos estudos de um curso de Direito. Seria possível dividir o conhecimento entre as ciências positivas, as ciências sociais e os estudos literários? Ao mesmo tempo, afirma em sua resposta o positivismo reinante. Somente a verdade interessava.

Com referências a filósofos e linguajar pomposo, o texto de Silvano parece zombar dos trejeitos e maneirismos de um jovem estudante que, imerso em sua formação, deixa-se levar pelo mundo abstrato das ideias. Entretanto, esse mesmo jovem estudante será abatido pela flecha do amor, escrevendo sobre uma garota — “Ella era tão boa, tinha apenas desesete annos. Era uma flor” (Diabo Coxo, n. 2, p. 3) — que não se nomeia, mas que promove um grande impacto em suas emoções. A partir de então, Silvano é finalmente convertido, de acordo com a visão do narrador, em poeta: “decididamente Silvano tinha os inteiros caracteristicos de um poeta da epocha: borracho e preguiçoso” (Diabo Coxo, n. 3, p. 2).

O estudante, aparentemente se curando de uma bebedeira excessiva na noite anterior, deixa o Diabo entediado com seus lamentos, “Como é enfadonha a poesia fóra dos livros!” (DIABO COXO, n. 3, p. 3), ele diz e segue para a transcrição dos papéis escritos por Silvano, publicados com o título “Paginas Íntimas”. Nelas, o rapaz coloca em perspectiva sua vida na cidade, sua trajetória como acadêmico. Inebriado pelo amor, diz que “**criança ainda**, tenho procurado com febre, com desespero, os segredos da vida moral, as entranhas do reino animal, as molles em que se volve esse globo de terra, grão de poeira, no espaço infinito” (DIABO COXO, n. 4, p. 2. Grifos meus.). Ele chega mesmo





a se perguntar se não teria sido melhor “não ter deixado a arvore da sciencia pela arvore da vida” (id. ibid.).

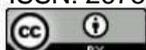
Neste ponto, o texto dá uma dimensão singular à vida de Silvano, uma caricatura representativa dos estudantes da Academia: exilado em São Paulo, apartado da família, envolve-se com a poesia e se deixa levar pela vida, distanciando-se do seu propósito inicial de se aventurar pelo pomo de ouro da ciência.

Conforme o texto anuncia no início, o estudante passaria por transformações físicas, incorporaria novos hábitos, viveria novas experiências, deixaria de ser criança. E, com traços grosseiros, como é a tônica de todo Diabo Coxo, constrói a imagem de um jovem poeta, embriagado de amor, que se desviou de seus objetivos quando da chegada à cidade.

Muito mais do que uma crítica, o Diabo Coxo destaca um aspecto importante do cotidiano de estudantes de então: o contato com uma série de experiências transformadoras que lhes colocavam em outros caminhos para o futuro. Esse conjunto de experiências, singulares, construídas por meio da alteridade e em conjunto com outros jovens na mesma condição, são características da condição de jovem estudante de direito em São Paulo, tipificando esse estrato social perante o restante da sociedade, a ponto de se fazerem traços de uma caricatura que circulou amplamente na cidade.

A citação ao Ramayana e toda a construção do texto apontam para uma compreensão específica com relação à cidade e à sua Academia: posto de passagem, exílio temporário, local de redefinição de trajetórias. O estudante, habitante estrangeiro em terras paulistas, precisa ser apresentado, ao chegar, e, cumprida sua missão, deve se despedir e seguir com seu destino. O que o “Romance de um estudante” parece também indicar é que é típica desse estrato social, da “mocidade acadêmica”, a criação de espaços de segurança para que a experiência de vida transcorra sem a ingerência dos elementos mais velhos e já inseridos na sociedade — ou, em outras palavras, que seja apartado do restante do mundo.

A cidade de São Paulo, na forma que se apresentava no início da segunda metade do século XIX, se abria a esses jovens exilados como um conjunto de lugares possíveis,





de possibilidades de construção próprias. E também possibilitava a livre circulação discursiva, pois nos espaços criados e mantidos por esses estudantes, o discurso é autorizado a circular de acordo com normas e regras criadas por eles mesmos. O periodismo, arma da arena pública dos debates, nos ajuda a enxergar elementos da vida privada e a pensar a constituição identitária da juventude de então.

5 Considerações finais

À introdução de “História dos Jovens”, Levi e Schmitt apontam que a juventude é uma construção social e cultural, adquirindo contornos e especificidades de acordo com a época e a sociedade. Indicam também que a juventude

[...] se situa no interior das margens móveis entre a dependência infantil e a autonomia da idade adulta, naquele período de pura mudança e de inquietude em que se realizam as promessas da adolescência, entre a imaturidade sexual e a maturidade, entre a formação e o pleno florescimento das faculdades mentais, entre a falta e a aquisição de autoridade e de poder (LEVI e SCHMITT, 1996, p. 8).

No caso aqui analisado, essa localização da juventude entre dois pontos, entre a infância e a vida adulta, não se dá **apenas** por componentes biológicos ou simbólicos, mas é também, em si, uma localização física: o estudante retratado no “Romance de um Estudante” está fisicamente distante do que é sua vida infantil e também do que será sua vida adulta.

Diferentemente dos jovens que passam por essa transição junto a seus familiares ou junto à sociedade em que será inserido na vida adulta, os estudantes de direito de São Paulo viviam essa passagem à semelhança do exílio apresentado no Ramayana, como se estivessem em uma densa floresta apartados da realidade conhecida. Isso lança luzes e dá uma coloração muito específica a essa situação.

As representações que o jovem faz de si próprio, que aqui aparecem consubstanciadas no texto ficcional analisado, são indissociáveis da relação que ele estabelece com seu entorno estudantil, e a elas se incorporam elementos do cotidiano de maneira estruturante. Sua moradia, sua alimentação e seus meios de transporte, para citar





apenas alguns dos elementos cotidianos, não são circunstanciais, mas fazem parte de seus modos de fazer e que elaboram sua forma de se colocar frente ao mundo.

Convém, portanto, confrontar as expectativas elaboradas pelo conjunto da sociedade aos jovens com sua própria identidade projetada.

14

A sociedade plasma uma imagem dos jovens, atribui-lhes caracteres e papéis, trata de impor-lhes regras e valores e constata com angústia os elementos de desagregação associados a esse período de mudança, os elementos de conflito e as resistências inseridos nos processos de integração e reprodução social (LEVI e SCHMITT, 1996, p. 12).

A distância entre o plasmado pela sociedade e a representação elaborada pelos estudantes indica haver situações de desajuste no cotidiano estudantil. Certamente, a juventude que estudava na Faculdade de Direito estabelecia, através do periodismo, diálogo efetivo com a imagem plasmada pela sociedade. Portava-se como agente na arena pública de debates, procurava se inserir no meio intelectual e também arengava politicamente.

O texto ficcional apresenta indícios desse desajuste.

A conversão de Silvano em poeta, para escárnio do narrador, é um dos exemplos mais palpáveis. Em busca de seu “pomo de ouro da ciência”, que serviria para colocá-lo entre a intelectualidade nacional, para que se formasse e seguisse carreira como funcionário do Estado nacional em formação, o jovem estudante se desvia e assume para si a pena do poeta. Mas, como se isso não fosse suficiente para caracterizar o personagem como sendo dado às letras, dedicado a expressar seus amores e suas dores pela palavra escrita, o próprio Silvano resume sua vida a suas palavras e a seus objetos dispersos pela república:

[...] a minha vida tem sido simples, porém atormentada, contal-a não é necessario, toda ella está escripta n'aquellas folhas de papel que alli estão vendo, e mais que tudo n'esses ramalhetes murchos, n'estes quadros, nas minhas musicas, n'estas linhas escriptas na parede, n'estes desenhos... (Diabo Coxo, n. 3, p. 3)

Tomado talvez pelo *spleen* romântico, o jovem estudante não sente necessidade de viver nada que não possa ser descrito em palavras, nada que possa existir fora da poesia.





Outro elemento de desajuste presente no texto faz referência a um comportamento pouco louvável dos estudantes: os conflitos causados com a lei e com a ordem após o excesso de bebida.

Diz Silvano a respeito de um colega: “Decididamente **esta cidade é muito estúpida**. Frank tomou ontem uma bebedeira, espancou a patrulha, e está processado” (Diabo Coxo, n. 2, p. 3, grifos meus). Não se sabe quem é Frank, mas é possível tomá-lo como uma caracterização genérica do estudante descontente com sua vida estudantil. E esse descontentamento aparece na forma de violência contra a cidade, que é muito estúpida, de acordo com o narrador, mas, principalmente, com a simbologia de ferir a patrulha, o policiamento local. Elemento central na manutenção das posições majoritárias ideologicamente na sociedade, no que se inclui a expectativa social para com a juventude, a repressão policial aparece como elemento de oposição às aspirações do jovem Frank. O conflito com a patrulha se torna, de modo explícito, um indício do desajuste dos jovens com relação às expectativas sociais para a juventude.

Finalmente, importa dizer que a leitura do “Romance de um estudante” indica que há um conjunto de experiências que só pode ser vivenciado e conhecido pelos que estão em seu exílio estudantil. É preciso entrar na cidade para ver o que ela tem a oferecer. Para quem está do lado de fora — fisicamente fora da cidade, mas também simbolicamente fora daquele cotidiano — as revelações são desconhecidas, e isso tem desdobramentos na historiografia da educação. Como aponta Chartier (1990; 1991), a utilização de novas fontes permite uma visada para tensões da sociedade que não se revelariam de outra forma. Desta maneira, é possível, através da ficção e do periodismo estudantil, acessar processos históricos que permaneceram invisibilizados por muitos anos.

Referências

ABUD, Katia Maria. A Academia do Largo de São Francisco: um marco da história paulista. **Atas do II Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, v. 2, p. 53-57, 1998.





ADORNO, Sérgio. **Os aprendizes do poder: o bacharelismo liberal na política brasileira.** 2ª edição revista. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

AMARAL, Antônio Barreto do. Jornalismo Acadêmico. **Separata da Revista do Arquivo Municipal nº 190.** São Paulo: Arquivo Municipal, 1977.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais.** 7ª Edição. São Paulo: HUCITEC, Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2010.

CAGNIN, Antonio Luiz. Foi o Diabo! In: **Diabo Coxo: São Paulo, 1864-1865.** Edição fac-similar. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. População e sociedade em São Paulo no século XIX. In: PORTA, Paula (org.). **História da cidade de São Paulo: v. 2, a cidade no Império.** São Paulo: Paz e Terra, 2004.

CERTEAU, Michel de. Teoria e Método no Estudo das práticas cotidianas. In: SZMERECSEANYI, Maria Ivone (org.). **Cotidiano, cultura popular e planejamento urbano** (anais do encontro). São Paulo: FAU/USP, p. 3-19, 1985.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** 22ª Edição. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2014.

CHARTIER, Roger. **A história cultural – entre práticas e representações.** Lisboa: DIFEL, 1990.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Estudos Avançados, v. 11, n.5, p. 173-191, 1991.

CUNHA, Luiz Antônio. **A Universidade Temporã.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986. 2ª Edição Revista e Ampliada.

DIABO COXO: São Paulo, 1864-1865. Edição fac-similar. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

FLORES, Moacyr. Educação e ensino na província do Rio Grande do Sul no século XIX. Rev. Pemo, Fortaleza, v. 3, n. 1, e313892, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.47149/pemo.v3i1>.

GLEZER, Raquel. São Paulo como objeto: construção e uso. In: GLEZER, Raquel. **Chão de terra e outros ensaios sobre São Paulo.** São Paulo: Alameda, p. 137-154, 2007.





LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude (orgs.). **História dos Jovens**. Vol. 1. Da Antiguidade à Era Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MARTINS, Ana Luiza e BARBUY, Heloisa. **Arcadas: história da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco (1827-1997)**. São Paulo: Alternativa Serviços Programados, 1998.

17

MORAES, Dislane Zerbinatti. Entre memórias e reconstruções de identidades estudantis: capítulos da história da imprensa estudantil da Universidade de São Paulo (1980-2015). In: DÍAZ, José María Henández (coord.). **La Prensa de los escolares y estudiantes: su contribución al patrimonio histórico educativo**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, p. 569-580, 2015.

SEVCENKO, Nicolau. A cidade metástasis e o urbanismo inflacionário: incursões na entropia paulista. **Revista USP**, n. 63, p. 16-35, 2004.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

ⁱ **Gabriel Vicente França**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0732-1101>

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

Pedagogo, mestre e doutorando em educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Contribuição de autoria: o autor desenvolve a pesquisa da qual resulta este artigo.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7517096569407590>

E-mail: gvfranca@gmail.com

Editora responsável: Cristine Brandenburg

Especialista ad hoc: Maria Nahir Batista Ferreira Torres

Como citar este artigo (ABNT):

FRANÇA, Gabriel Vicente. O cotidiano de estudantes de direito de São Paulo no “Romance de um Estudante” (1864). **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 3, n. 3, e337109, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.47149/pemo.v3i3.7109>

Recebido em 15 de setembro de 2021.

Aceito em 12 de novembro de 2021.

Publicado em 13 de novembro de 2021.

